

EM DEFESA DA FÉ - A PATRÍSTICA

Introdução ao tema

Podemos considerar que o Cristianismo teve início na Palestina, mais em particular na cidade de Jerusalém. O movimento de Jesus contribuiu diligentemente para o início da nova religião. **Esse movimento era na verdade uma reforma do judaísmo pela via messiânica de um Judeu pobre da aldeia de Nazaré chamado Jesus. Seus discípulos entenderam esse movimento como um rompimento com a religião judaica expressada na leitura e na prática assídua da lei.** A comunidade apostólica a partir da fé propaga Jesus o Cristo, o Messias, Ungido, não somente para os judeus, mas agora para todos e todas que pretendem inaugurar um estilo de vida na práxis do Reino de Deus.

Rapidamente a mensagem do “Cristo Salvador” maior que a Lei (torá dos judeus) e acolhedor dos gentios espalhou-se pelas regiões vizinhas, mormente, pelos esforços do Apóstolo Paulo de Tarso. Essa mensagem, parece haver se estabelecido por toda a região banhada pelo Mediterrâneo Oriental e, até mesmo, adquirido uma presença significativa na cidade de Roma, a capital do Império Romano.

Mas nem tudo se afigura em flores; às vezes o sentido e significado de um grupo religioso aparece nos momentos de grandes tribulações e perseguições. A postura desse grupo frente a realidade de confrontos ideológicos e práticos expressam seu significado para os seus seguidores. O cristianismo cresce ao ponto de confrontar as estruturas políticas, econômicas, sociais e religiosas de sua época, “os três primeiros séculos do cristianismo recebem expressões como Igreja das perseguições, Igreja

das catacumbas ou Era dos Mártires”, diz Carlos Jeremias Klein. Os mais espertos escreviam memorizando a fé da comunidade cristã, contrapondo, através da escrita, a lógica da época que não os favoreciam; navegavam na literatura apocalíptica, rica de símbolos e metáforas, que denunciava nas entrelinhas os horrores da época. Um exemplo é **o livro de Apocalipses que vislumbra bem o protesto do autor frente a uma sociedade de ídolos e injustiças, por isso é preciso, como reforma da terra, a “realidade” do céu.**

O cristianismo, de religião camponesa e clandestina torna-se predominantemente um movimento urbano. A perseguição dos imperadores romanos possibilitou a urbanização do cristianismo e, uma conscientização deste grupo frente à insistência brutal dos perseguidores. Problemas internos que necessitavam de soluções surgiram na comunidade cristã. **A perseguição movida pelos imperadores provocou o problema da autenticidade dos escritos chamados “Novo Testamento”; os cristãos precisavam estar seguros de que os livros que circulavam nas comunidades tinham fidedignidade, se eles poderiam padecer a morte pelo que estava escrito naqueles livros.** Depois de algum tempo, a organização destes volumes de livros recebeu maior atenção: organizaram o Canon, que perdurou até o século IV.

Nesse processo de organização do cânon surgiu uma pluralidade de pensamentos teológicos que norteariam o futuro intelectual do cristianismo nos próximos séculos. Desde o século II a igreja resolveu teorizar a sua crença em forma literária. Os chamados “Apologistas e Polemistas” enfrentavam o desafio dos movimentos “heréticos”. Podemos observar que neste mesmo período **havia uma diferença fundamental entre “Apologistas” e “Polemistas”.** É interessante destacar que antes do século III os apologistas ocupavam-se em justificar

racionalmente o cristianismo frente às pressões da autoridade romana, eles não discutiam com grupos chamados “heréticos”. O desafio de responder aos ensinamentos dos “heréticos” era trabalho dos polemistas, que condenavam com veemência uma pluralidade de heresias exposta na comunidade cristã.

Os imperadores queriam preservar as tradições, a cultura greco-romana e a religião oficial. Em 303 e 305, Diocleciano fez uma fracassada tentativa de destruir o cristianismo, mas foi seu sucessor Constantino (274 – 337) que compreendeu que se o Estado não podia destruir essa religião pela força, o melhor seria usar a Igreja como aliada para salvar a cultura clássica. Entretanto, temos que olhar atentamente para a história sem tendencionismos religiosos, ela mesma nos apresenta que **a ordem da cessação da perseguição oficial aos cristãos foi dada pelo imperador romano Galerius em 311. Em 313 dois imperadores; Constantino juntamente com Licínio decidem somente a restituição dos bens confiscados, pelo chamado *Protocolo de Milão*. O citado protocolo não declarava o cristianismo como religião oficial do império romano, mas colocava-o em igualdade com as outras religiões.** Constantino regeu o império derrotando Licínio em 324 no Oriente e construiu logo após a cidade de Constantinopla, para onde foi transferida a sede do governo. Em 361 Juliano[3] foi proclamado como imperador, aboliu os privilégios dados aos cristãos, contribuiu favorecendo o cisma donatista e o arianismo. Em 363 foi derrotado na guerra contra os partos. Sucedendo Juliano, Graciano em 378 suspendeu ajuda financeira do império ao culto pagão, e ainda em 378, nomeou Teodósio como Augusto no Oriente. Foi Teodósio, não Constantino, quem tornou o Cristianismo a Religião Oficial do Império. **“O imperador Teodósio promulgou, em 27 de fevereiro de 380, o edito de Tessalônica (Código Teodosiano XVI,**

1,2) oficializando o cristianismo como religião de Estado” , destaca Jeremias Klein.

Com a oficialização do cristianismo e a garantia de favores para igreja, o Estado alinhou-se com a nova religião que, de perseguida passa a perseguir aqueles que prestam cultos pagãos.

Na medida em que a igreja em Roma se torna cada vez mais poderosa, começam surgir tensões entre a liderança cristã em Roma e em Constantinopla, pressagiando o cisma posterior entre as Igrejas ocidental e oriental.

O debate reapareceu, diversas regiões tornar-se-ão centros de discussão teológica. Desde o século I algumas cidades tiveram atenção especial por serem conhecidas na antiguidade como centro do saber teológico. O professor de teologia histórica na Universidade de Oxford, Alister E. McGrath sintetiza no seu livro “Teologia: Sistemática, Histórica e Filosófica”, apontando três cidades que estavam na vanguarda da discussão teológica, das quais duas falavam grego e uma, latim:

“A cidade de Alexandria, no Egito atual, se destacou como um centro de educação teológica cristã. Um estilo teológico característico veio a ser associado a essa cidade, o qual retrata sua antiga associação com a tradição platônica.

A cidade de Antioquia é da região vizinha da Capadócia, na atual Turquia. Em uma primeira fase, uma forte presença cristã veio a consolidar-se nessa região norte do Mediterrâneo Oriental. Algumas viagens missionárias de Paulo o levaram até essa região. Antioquia se destaca de maneira significativa em vários pontos da igreja primitiva , conforme registrado nos Atos dos Apóstolos. A própria cidade de Antioquia logo se tornou um importante centro de pensamento cristão. Como Alexandria, foi associada a

abordagem específicas, com respeito a cristologia e à interpretação bíblica (...) Os pais capadócios também tiveram uma importante presença nessa região, em termos de teologia, no século IV, especialmente notável por sua contribuição à doutrina da Trindade.

O norte da África Ocidental, ofereceu a área da atual Argélia. Nesse local, ao final do período clássico, ficava Cartago, importante cidade mediterrânea e, em um certo momento, adversária política de Roma, pois ambas disputavam o domínio da religião. No período que o cristianismo se espalhou por essa área, essa cidade era uma colônia romana. **Entre os importantes escritores da região estão Tertuliano, Cipriano de Cartago e Agostinho de Hipona”.**

O locus do pensamento teológico nos primeiros quatro séculos eram essas regiões mencionadas, mas isso não quer dizer que outros lugares não foram importantes para o pensar teológico, como Roma, Constantinopla, Milão e Jerusalém; Porém a concorrência teológica era visível nas regiões apresentadas. **Os grandes problemas teológicos como a divindade de Jesus, Deus e o Logos, Trindade e Cristologia, o método alegórico na leitura bíblica, o desenvolvimento teórico dos sacramentos e a discussões escatológicas, foram discutidos com entusiasmo nestas três regiões,** teólogos que ofereciam suas vidas para defender suas idéias inauguravam suas escolas teológicas.

DESENVOLVIMENTO

*Patrística é o nome dado à **filosofia cristã** dos primeiros sete séculos, elaborada pelos **Padres ou Pais da Igreja**, os primeiros teóricos — daí "Patrística" — e consiste na elaboração doutrinal das verdades de fé do Cristianismo e na sua defesa contra os*

ataques dos "pagãos" e contra as heresias. Foram os pais da Igreja responsáveis por confirmar e defender a fé, a liturgia, a disciplina, criar os costumes e decidir os rumos da Igreja, ao longo dos sete primeiros séculos do Cristianismo. É a Patrística, basicamente, a filosofia responsável pela elucidação progressiva dos dogmas cristãos e pelo que se chama hoje de **TRADIÇÃO**. Chama-se Patrística, porquanto representa o pensamento dos Padres da Igreja, dos mestres da doutrina cristã.

Tradição

Quando o cristianismo, para defender-se de ataques polêmicos, teve de esclarecer os próprios pressupostos, apresentou-se como a expressão terminada da verdade que a filosofia grega havia buscado, mas não tinha sido capaz de encontrar plenamente, enquanto a Verdade mesma não tinha ainda se manifestado aos homens, ou seja, enquanto o próprio Deus não havia ainda encarnado

De um lado, se procura interpretar o Cristianismo mediante conceitos tomados da filosofia grega, do outro reporta-se ao significado que esta última dá ao Cristianismo. Os primeiros pensadores cristãos, ao mesmo tempo em que se valeram, também se debateram com os filósofos, quer com Platão e com Aristóteles, quer, sobretudo, com os estóicos e com os epicuristas. Sem perder de vista os ideais da doutrina cristã, eles buscaram encontrar, frente à filosofia e aos filósofos, o lugar apropriado da reflexão filosófica e do pensar cristão.

É comum a afirmação de que o Cristianismo primitivo sofreu influências de vários setores da Filosofia Grega - de Platão, de Aristóteles, dos epicuristas e dos estóicos - sem que se determine claramente a amplitude e os limites de tais influências. Também é comum dizer-se que os filósofos convertidos ao Cristianismo buscaram dar à doutrina cristã um status filosófico, mas sem o cuidado de salientar as fontes das quais se serviram ou sem analisar os conceitos dos quais se apropriaram... (SPINELLI, 2002, p. 3). Foram vários autores que se ocuparam dessa tarefa: Justino, Tertuliano, Clemente de

Alexandria, Orígenes, Gregório de Nazianzo, Basílio de Cesareia, Gregório de Nissa...

Ou como resume Johannes Hirschberger:

Tratando-se de filosofia patrística, não devemos, como outrora, pensar somente nas obras de filósofos que só foram filósofos. A filosofia da patrística está antes contida nos tratados dos pastores de alma, pregadores, exegetas, teólogos, apologetas que buscam antes de tudo a exposição da sua doutrina religiosa. Mas ao mesmo tempo, levados pela natureza das cousas e dada a ocasião, se põem - a resolver problemas propriamente pertencentes à filosofia; e então, pela força do assunto, versam a metodologia filosófica.

- HIRSCHBERGER, 1966.

A figura de maior destaque dessa corrente de pensamento cristão é Santo Agostinho. (Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre).

A Idade Média compreende o período que vai da queda do Império Romano (séc. V) ao séc. XV. São 10 séculos ou mil anos de história, em que se consolida o feudalismo, com a nobreza no poder. A nobreza é ignorante, o conhecimento fica restrito aos mosteiros. A grande questão discutida é a relação entre a fé e a razão, entre filosofia e teologia.

O período denominado “Patrístico” representa um momento significativo para o desenvolvimento do pensamento cristão. A patrística foi sem dúvida, um marco decisivo na evolução da doutrina cristã.

O termo “Patrística”, vem da palavra latina *pater*, “pai”, referente ao pensamento dos pais da igreja. Os ramos teológicos dos pais da igreja de 100 a 310 formam o primeiro período patrístico. De 310 a 451 temos o segundo período; finalizando com a terceira fase, que se inicia no

Concilio de Calcedônia em 451 até o segundo Concilio de Nicéia em 787.

Esse fenômeno ganhou força na história da teologia cristã após o ano 310 devido à cessação da perseguição ao cristianismo, logo em 311. Finalizada a perseguição, as discussões teológicas poderiam ser feitas em público, com o apoio do Estado. Isso possibilitava um avanço nas teologias cristãs; os teólogos após 311 poderiam se dedicar sem se preocupar com a perseguição, não havia mais acossamento do Estado e sim o apoio. Ademais, o universo plural da teologia cristã ganharia mais consistência no mundo intelectual da igreja. Com essa junção entre Igreja e Estado, a oportunidade do fazer teológico para, até mesmo, justificar as atrocidades do império diante dos pagãos, ganharia auxílio religioso, mesmo por que, “tudo era em nome de Deus”.

Filosofia Patrística (século I ao VII): difusão, consolidação e constituição do cristianismo .

É anterior ao início da Idade Média, mas é o período em que se faz a síntese da doutrina cristã e a filosofia grega, tendo forte influência para a filosofia medieval.

Inicia-se com as Epístolas de São Paulo e o Evangelho de São João. **A Patrística vem dos apóstolos Paulo e João e também de Padres da Igreja, que foram os primeiros dirigentes espirituais e políticos da Igreja após a morte dos apóstolos.** Com o desenvolvimento do cristianismo, tornou-se necessário explicar seus preceitos às autoridades romanas e ao povo. Não

podia ser pela força, mas tinha que ser pela conquista espiritual.

Os primeiros pensadores padres elaboraram textos sobre a fé e a revelação cristã. **Buscaram conciliar o cristianismo ao pensamento filosófico dos gregos, pois somente com tal conciliação seria possível convencer e converter os pagãos da nova verdade.** Tenta basear a fé em argumentos racionais.

A filosofia patrística tem a tarefa de evangelizar e defender a religião cristã contra os ataques teóricos e morais do pensamento antigo. (Enviado por *alexsandrotorres*, agosto 2011)

A FILOSOFIA PATRÍSTICA

1 — O CRISTIANISMO NASCENTE E A FILOSOFIA ANTIGA

Quando o Cristianismo entrou em cena pretendeu ser ao mesmo tempo verdade teórica e informação prática da vida. "Eu sou o caminho, a verdade e a vida", declara o seu fundador. A verdade é considerada como algo de absoluto e eterno, porque é verdade não somente humana mas também divina revelada. "O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão". É também a informação da vida, o "caminho e a vida" é algo de absolutamente certo, conduz seguramente à "salvação". **A filosofia antiga não estava habituada com uma tal segurança.** Não se apresentava ela como a encarnação do Logos e da eterna sabedoria mesmo, mas queria ser apenas amor da sabedoria. A verdade, porém, ela já queria oferecê-la e também pretendia a direção dos homens; isso ela foi desde o começo e particularmente na época helenística, quando o antigo mito se desvaneceu e a filosofia tinha que

cuidar das almas, para substituí-lo. Desta atitude, parte idêntica e parte diversa, deste encontrarem-se na busca do mesmo fim e diferirem na escolha dos meios e do caminho para o fim, resulta a posição do Cristianismo nascente **relativamente à filosofia antiga: ele a rejeita para de novo aceitá-la.**

a) Paulo:

Já com PAULO é assim. Começa rejeitando a "sabedoria deste mundo" para de novo aceitá-la, chegando mesmo a apelar pára o seu testemunho em apoio do seu próprio sentir. 1 Cor. 1, 19 escreve: "Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e reprovarei a prudência dos prudentes. Onde está o sábio? onde o doutor da lei? Onde o esquadrinhador deste século? Porventura não tem Deus convencido de estultícia a sabedoria deste mundo?... Porque tanto os judeus pedem milagres, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos o Cristo crucificado, que é um escândalo de fato para os judeus e uma estultícia para os gentios, **Mas para os eleitos, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de DEUS.** *(Publicado por Leonardo Stuepp em 6 maio 2012 às 12:49 em História da Igreja Católica Apostólica Romana).*

b) O pensamento grego é rico. Desde o século I a filosofia helênica em que se situavam os estóicos, os epicuristas, os neopitagóricos, os céticos e os neoplatônicos, dominava a visão de mundo antigo, distribuída pela cultura greco-romana. Alguns teólogos usavam a filosofia para melhor expressar suas idéias religiosas face ao mundo "pagão"; é obvio que alguns não aceitavam de maneira alguma esse diálogo, a ponto de dizer como Tertuliano: "Que relação há entre Jerusalém e Atenas?". Essa crítica severa de Tertuliano no século III, fazia parte de uma

pequena camada de teólogos que defendiam que o cristianismo deveria manter sua identidade característica, evitando influências de filósofos gregos que nada conheciam da Igreja da época. O debate foi tenso, podemos dizer que a argumentação mais espessa em defesa do diálogo entre filosofia e teologia foi dada por Agostinho de Hipona (354 – 430). Como mencionamos no tópico anterior, a oficialização do cristianismo como religião do Estado romano possibilitou uma abertura para uma avaliação positiva da cultura clássica. Roma agora era a serva do evangelho, e a teoria desse evangelho precisaria ser convincente para melhor exposição do próprio evangelho.

c) **Quem primeiro iniciou esse diálogo foi Justino Martir (100 – 165), como aponta Paul Tillich em sua obra; Historia do Pensamento Cristão:**

d) “Ao falar do cristianismo, dizia: Esta é a única filosofia certa e adequada que encontrei (...) quando Justino dizia que o cristianismo era uma filosofia, precisamos entender o que entendia por filosofia. Nessa época **o termo filosofia se referia ao movimento de caráter espiritual oposto à magia e a superstição (bruxaria).** Era, pois, natural que Justino se referisse ao Cristianismo como a única filosofia certa e adequada, por que não era mágico nem supersticioso” .

e) **Na concepção de Justino essa filosofia, que ele chama Cristã, era Universal, e continha a verdade sobre o significado da existência. Essa verdade foi manifestada no “Logos” que era o fundamento do Cristianismo. Sendo assim, Justino expunha sua Téo-cristologia a partir do “Logos”, não representando Cristo como um completo forasteiro,**

mas como o cumprimento do melhor do pensamento grego.

- f) **No século III surge o desafio do neoplatonismo que serviu como influência para o primeiro sistema teológico elaborado por Orígenes de Alexandria (185-254). O que seria neoplatonismo?** Em síntese, foi uma corrente filosófica que visava uma revisão do platonismo, foi apresentada por Amônio Saccas e Plotino.
- g) **Podemos dizer que foi basicamente Platão o grande formador das bases da teologia cristã.** Mesmo que o neoplatonismo repense algumas questões filosóficas de Platão, ainda sim toda sua epistemologia é platônica. Por exemplo, Tillich examina cinco elementos fundamentais nessa linha: o primeiro é o conceito de transcendência. **As ideias eram para Platão as essências das coisas.** Se as ideias e, com elas, a abstração, representam o real, as coisas terrenas perdem seu valor. O segundo elemento destacado por Tillich é, pois, “a desvalorização da existência”. **Até hoje a Igreja Cristã enfrenta problemas relacionados com a compreensão do corpo humano e de seus desejos. O terceiro elemento é a doutrina da “queda da alma da eterna participação no mundo essencial ou espiritual, sua degradação terrena num corpo físico, que procura se livrar da escravidão desse corpo, para finalmente se elevar acima do mundo material”.** O quarto elemento é **a ideia da providência divina.** Tillich nos alerta de que essa ideia recebida ainda hoje pelos cristãos como se tivesse nascida com sua religião, pertencia, na verdade, ao mundo grego antigo e se expressara com clareza nos últimos escritos de Platão. O quinto

elemento presente na teologia cristã vem de Aristóteles: “o divino é forma sem matéria, perfeito em si mesmo”. **Segundo Tillich, Aristóteles “entendia que Deus, a forma suprema ou Ato puro (actus Purus) , como o chamava, move todas as coisas ao ser amado por todas as coisas” e que “a realidade toda deseja se unir à forma suprema, para se livrar das formas inferiores em que vive, na escravidão da matéria”**. Esse Deus aristotélico entrou na igreja cristã e exerceu enorme influência principalmente na formulação da teologia medieval. Este último elemento examinaremos com mais pormenores no próximo tópico, onde estaremos apresentando o pensamento da escolástica.

- h) A aliança entre teologia e filosofia, como podemos observar, foi feita, porém a filosofia tornou-se religiosa e teológica. O problema é que nem Epicuro, Zenão, Platão, Aristóteles e os demais, foram cristãos. Os teólogos da patrística “batizaram” esses filósofos, na evolução da teologia cristã. Submeteram suas filosofias ao julgamento heterônimo das autoridades eclesiásticas e suas reflexões sempre foram policiadas por concílios, sínodos, bispo, autoridades eclesiásticas e pelo Papa. Isso também irá acontecer com os teólogos escolásticos no início do século XI.
- i) **Com tudo isso há uma positividade nessa aliança: a interação criativa da teologia, liturgia e espiritualidades cristãs com a tradição cultural do mundo antigo, sem dúvida, como aponta Mcgrath, é “um dos exemplos mais interessantes e férteis de hibridismo cultural da história intelectual da humanidade.**

Dada a culminante grandeza de Agostinho, a Patrística divide-se em três períodos: antes de Agostinho, Agostinho, depois de Agostinho.

(Obra consultada: História da Filosofia, de Umberto Padovani [da Universidade de Pádua] e Luís Castagnola [da Universidade Federal do Paraná], Melhoramentos, 15ª edição, março de 1990).

1. A Patrística Pré-Agostiniana

O II século: os apologistas e os contro versistas

A Patrística do segundo século é caracterizada pela defesa patrística do cristianismo perante o paganismo, o hebraísmo e a heresia. Os Padres deste período podem-se dividir em três grupos: os chamados apostólicos, os apologistas e os contraversistas. Interessam-nos em especial os segundos - por exemplo, São Justino Mártir - pela defesa racional do cristianismo perante o paganismo, ao passo que os primeiros e os últimos têm sua importância religiosa, dogmática, no seio do próprio cristianismo.

O III século: os alexandrinos e os africanos

O pensamento cristão já se vai firmando também no mundo cultural da época - III século d.C. - particularmente em Alexandria do Egito. É este o centro da cultura helenista-romana. E afirma-se especialmente no didascaléion, escola catequética, teológica, cujos máximos expoentes são: Clemente - pedagoga - e, Orígenes - filósofo. É própria dos padres alexandrinos a **distinção dos cristãos, em simples fiéis, que tudo creem sem saber, e em gnósticos ortodoxos, que acreditam no que se deve acreditar, e sabem o que deve ser conhecido.**

Enquanto os padres alexandrinos têm grande estima pelo pensamento helênico e procuram assimilá-lo com o

cristianismo, em harmonia com a índole especulativa dos gregos, os padres africanos - latinos - olham-no com suspeita, em harmonia com a índole prática do gênio latino. O maior dos africanos é Tertuliano, defensor do cristianismo no campo jurídico.

O IV século: os luminares de Capadócia

O século quarto representa a época áurea da Patrística. Basta mencionar, para a igreja oriental grega, **Atanásio, o malho do arianismo, os luminares de Capadócia - Basílio, Gregório Nazianzeno, Gregório de Nissa e João Crisóstomo, o mais ilustre representante da escola antioquena: para a igreja ocidental latina, Ambrósio e Jerônimo.** A grandeza da Patrística do IV século não é tanto científica, filosófica, quanto dogmática, teológica. As grandes heresias da época obrigaram os pensadores católicos a se dedicarem sobretudo à defesa do dogma e, por consequência, à teologia. **A divisão da Patrística em oriental, grega, e ocidental, latina - já iniciada no século precedente com os alexandrinos e os africanos - torna-se definitiva no século IV. Os padres gregos dedicar-se-ão especialmente às questões especulativas, teológicas, em harmonia com as tendências aristocrático-culturais helênicas; ao passo que os padres latinos se dedicarão de preferência aos problemas práticos, morais, disciplinares, políticos - liberdade, predestinação, graça - de mais comum e imediato interesse. Tal divisão da Patrística em grega e latina, será favorecida e acentuada pela separação do império romano em oriental e ocidental. O quarto século viu, enfim, constituir-se o monaquismo (monges) oriental, concretização dos conselhos evangélicos. O monaquismo oriental é contemplativo e individualista, o monaquismo ocidental será ativo e social.**

1. Aurélio Agostinho

A vida e as obras

Aurélio Agostinho nasceu em Tagasta, na Numídia, em 354, filho de Patrício, pagão, e de Mônica, cristã. Estudou em Tagasta e Cartago, onde se desviou moral e intelectualmente (dualismo maniqueu). Acabados os estudos superiores, foi para Milão como mestre de retórica; entretanto, bem cedo, afastou-se do ensino e, convertido ao cristianismo, voltou para a África. Essas as vicissitudes exteriores da vida de Agostinho. As vicissitudes espirituais são: uma fase cética, a neoplatônica e, finalmente a cristã. Chegará ao cristianismo, antes por via do intelecto do que por via da vontade. Depois da conversão, Agostinho voltou para a África, distribuiu todos os haveres aos pobres; ordenado padre é, em seguida, consagrado bispo de Hipona, onde faleceu em 430. Agostinho escreveu muitas obras de interesse religioso e teológico; algumas também de interesse filosófico, em especial os diálogos e os escritos contra os maniqueus. Todas as obras de Agostinho, porém, têm um interesse filosófico, tratando de problemas filosófico teológicos, devido à sua característica filosófico teológica.

O pensamento: a gnosiologia

Agostinho sente praticamente e platonicamente a filosofia como solucionadora do problema da vida, a que unicamente o cristianismo pode proporcionar uma solução integral. O problema gnosiológico foi profundamente sentido por Agostinho na fase cético-acadêmica do seu pensamento. Embora desvalorizando, platonicamente, o conhecimento sensível com respeito ao conhecimento intelectual, admite ele que os sentidos, bem como o intelecto, são fontes de conhecimento. E admite ele que os sentidos, bem como o intelecto, são fontes de conhecimento. E como para a visão sensível, além dos olhos e das coisas, é mister a luz física, assim, para o conhecimento intelectual seria necessário, segundo ele, um lume espiritual, que vem de Deus, o Verbo de Deus, para o qual são transferidas as ideias platônicas.

A metafísica

Em relação com esta gnosiologia, e em dependência dela, a existência de Deus é provada, fundamentalmente, a priori, enquanto no espírito humano haveria uma particular presença de Deus. Segundo Agostinho esta presença, se compreendia na Verdade de Deus, no Verbo de Deus, que ilumina e torna verdadeiros os nossos conhecimentos. **Quanto à natureza de Deus, Agostinho tem uma idéia perfeitamente exata: Deus é poder racional infinito, eterno, imutável, espírito, pessoa. Sendo, pois, Deus também a Trindade do Padre, Verbo(Filho) e Espírito Santo, esforça-se Agostinho por descobrir filosoficamente as imagens da Trindade em todo o mundo; toda criatura seria, essencialmente, ser, saber, vontade (sabedoria, poder e amor).**

Também a psicologia agostiniana está em harmonia com o seu platonismo cristão. Certamente o corpo não é essencialmente mau, visto que é uma criatura de Deus, que fez boas todas as coisas. Mas a união da alma com o corpo é, de certo modo, extrínseca, accidental. A alma e o corpo não formam a unidade metafísica, substancial, como na concepção aristotélico-tomista, graças à doutrina da forma e da matéria. **Entre as faculdades da alma, a vontade tem a primazia e não o intelecto.**

Quanto à cosmologia, mencionamos a famosa doutrina agostiniana das rationes seminales - germes racionais. Segundo esta doutrina, Deus na criação originária e simultânea das coisas, teria criado algumas completamente realizadas; de outras coisas teria criado apenas as causas necessárias para produzi-las, predispondo estas causas de maneira que dessem origem, mais tarde, desenvolvendo-se, às coisas.

A moral

Naturalmente a moral agostiniana é teísta e cristã e, portanto, transcendente e ascética. Agostinho até acentua

estes caracteres, devido ao seu rigorismo e a sua concepção do pecado original. **Nota característica da sua moral é o voluntarismo, quer dizer, o primado da ação, do prático - próprio do pensamento latino -, contrariamente ao pensamento grego, que reconhece o primado do teorético, do conhecimento.** A virtude essencial é o amor de Deus; as outras virtudes são especificações deste amor de Deus. A vontade humana é, entretanto, livre e pode fazer o mal, porquanto é vontade de um ser limitado. Em tal caso, a vontade é má; não é, porém, causa eficiente, e sim deficiente, da ação viciosa, visto que o mal não tem realidade metafísica (não é Ser, mas Não-Ser). O pecado, pois, tem em si mesmo imanente a pena da sua desordem: com efeito, não podendo a criatura lesar a Deus, prejudica-se a si mesma, determinando a dilaceração da sua natureza.

È imprescindível a apresentação dos nomes dos teólogos da patrística para melhor familiaridade com o próprio assunto. Os [Pais Apostólicos](#) (continuadores diretos dos [Apóstolos](#), c. 80-150): [Clemente Romano](#) ([Papa São Clemente I](#)), [Papias de Hierápolis](#), [Inácio de Antioquia](#), [Policarpo de Esmirna](#), [Pastor de Hermas](#). Segunda metade do [século II](#): [Aristides de Atenas](#), [Justino](#), [Atenágoras de Atenas](#), [Ireneu de Lyon](#) (Ireneu de Lião), [Teófilo de Antioquia](#). [Século III](#): [Orígenes de Alexandria](#), [Tertuliano de Cartago](#), [Clemente de Alexandria](#), [Cipriano de Cartago](#) ([São Cipriano](#)), [Hipólito de Roma](#), [Minúcio Félix](#). Pais Nicenos: [Eusébio de Cesareia](#), [Atanásio de Alexandria](#), [Cirilo de Jerusalém](#), [Efraím da Síria](#). Pais Pós Nicenos: [João Crisóstomo](#), [Hilário de Poitiers](#), [Ambrósio de Milão](#), [Jerónimo de Strídon](#), [Agostinho de Hipona](#), [Nemésio de Emesa](#), [Evágrio do Ponto](#), [Arnóbio](#), [Lactâncio](#), [Calcídio](#), [Mário Victorino](#), [Macróbio](#). Os [Pais Capadócius](#): [Basílio de Cesareia](#) ([Basílio Magno](#)), [Gregório de Nazianzo](#), [Gregório de Nissa](#). [Século V](#): [Marciano Capela](#), [Cirilo de Alexandria](#), [Teodoro](#)

de Mopsuestia, Papa Leão I, (o Grande). Século VI: Papa Gregório I (o Grande), Boécio. Século VII: Máximo o Confessor, Isidoro de Sevilha. Século VIII: João Damasceno (João de Damasco). Depois do século VIII (só no Oriente) Fócio Simeão, Gregório Palamás e Marco de Éfeso. ***Estes são os nomes que praticamente foram responsáveis em grande parte pela definição das doutrinas cristãs como os conhecemos hoje.***

Na continuação do nosso estudo, iremos detalhar a vida e obra dos principais.